

# O Potiguar

Ano II N° 09

Dezembro/98



LUÍS DA CÂMARA CASCUDO  
1898-1998



## SHIMMY

*Pra Mário de Andrade*

*O sol lhe bate de chapa  
D'um besouro o brilho escapa  
Branco, negro, ouro e mel.  
Rola, recua e se estira  
O dorso da cascavel.*

*O corpo inteiro palpita  
A pela se arruga e agita  
A língua fina dardeia  
E treme e estorce e avança  
E estaca, e demora e cansa  
Ondula, vaga, volteia.*

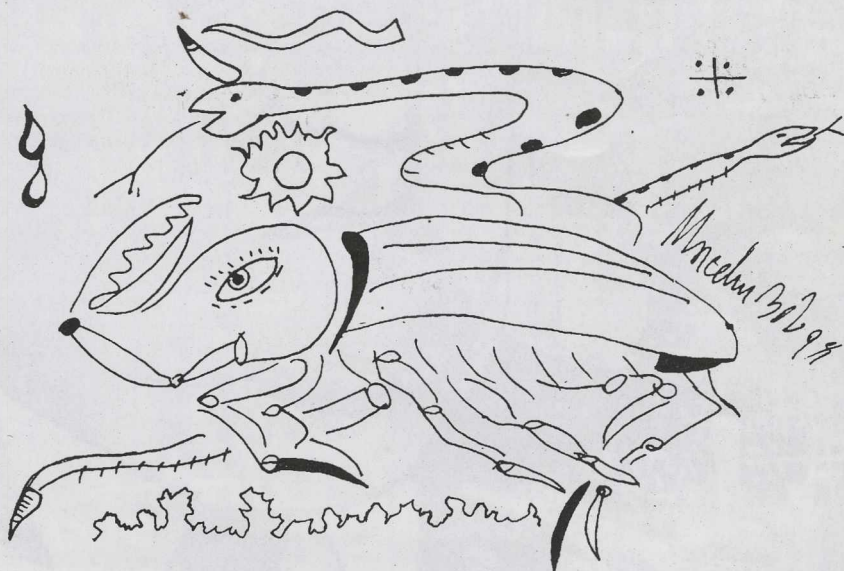
*Silva, ronca, bufa e soa  
O maracá que reboa  
E tudo dança no pó.  
Alonga a beleza tosca  
Da pele que vai e enrosca  
E fica tremendo só...*

*O dorso acurva, se enrola  
Como o fio de uma mola  
Incha, sopra, engorda e cresce,  
Sobe, pára, volta e corre  
O brilho no lombo escorre  
Vibra, estala, espicha, desce...*

*Vai parando o movimento  
O maracá cede ao vento  
E fica soando mal.  
De pronto sacode o laço  
Como uma mola de aço  
Subindo numa espiral.*

*Inda vibra, mexe e bole  
O corpo anegrado e mole  
Sustém o compasso enfim.  
Cede a cadência da dança  
Pára o chocalho, descansa  
E tudo cessa por fim.*

*Luís da Câmara Cascudo.*



## EXPEDIENTE

Diretor	Programação Visual
-João Gothardo D. Emerenciano	-Arandi Sales
Editor	Capa
-Moura Neto	-Emanoel Amaral
Revisão	Gerente Comercial
-João Gothardo D. Emerenciano	-Carlos Frederico Câmara
-Giuliano Emerenciano Ginani	Impressão
	-Gráfica Nordeste.

O Potiguar

Avenida Prudente de Moraes, 625-Tirol-Natal/RN-CEP:59 020-400



**-UNBEC-**  
**COLÉGIO MARISTA DE NATAL**  
*100 Anos de tradição*

Rua Apodi, 330 - Cidade Alta - Natal/RN - 59020 -  
130- fone: (084) 211-55005- Fax:(084)212-1216-  
<http://www.natal-marista.com.br-natep>  
[@natal-marista.com.br](mailto:@natal-marista.com.br)

## Minha viagem na cidade do Natal

O conde Xavier de Maistre dedicou um volume inteiro a uma viagem ao redor do seu quarto de dormir ("VOYAGE AROUND DE MA CHAMBRE". Paris, 1794) e não será demasiada pretensão uma jornada dentro da cidade do Natal, 65 anos depois.

Nasci na Rua das Virgens, batizou-me na Capela do Bom Jesus o Padre João Maria, maio de 1899, com cinco meses de vivente. Casa de duas janelas e uma porta, 10\$ mensais, como podia pagar um tenente do Batalhão de Segurança. Uma tarde Auta de Souza, amiga de minha mãe, adormeceu-me, cantando.

Passamos a viver num sítio onde principia a Rio Branco. Na esquina da atual Sachet com a Rio Branco (sem nome naquele tempo) era morada de SEU LINO, vendendo banhos, entre árvores. Vizinho estávamos nós, num casarão baixo e alpendrado. Aí morreu minha irmã, Severina, em 1903, com pouco mais de um ano.

Em 1904 morávamos na Praça Augusto Severo. Última casa antes da estação Great Western. Casa ilustre porque nela residiram Pedro Velho, Tavares de Lyra e Ferreira Chaves, todos três Governadores do Estado e Senadores da República. Brinquei n'areia do morro que tapetava a futura praça, irreconhecível e mutilada nos dias presentes.

Em 1906, Rua do Comércio, sobradão, nº 44. Morávamos no primeiro andar e havia sótão. Ao fundo, o Potengi. Os navios suspendiam as âncoras com cabrestantes, á muque,

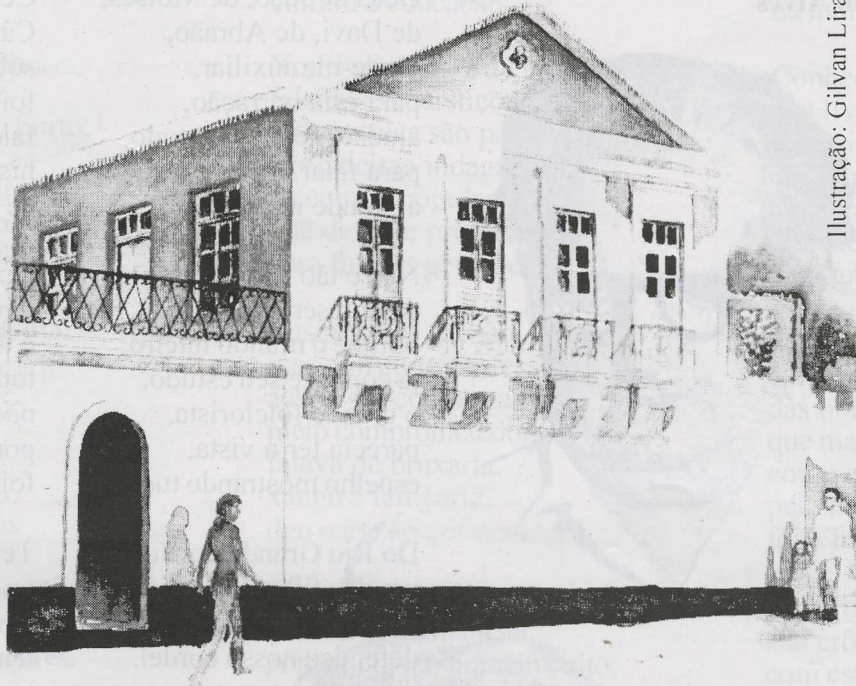


Ilustração: Gilvan Lira

marinheiros cantando para ritmar. Recitei os MEUS OITO ANOS, de Casimiro de Abreu, numa festinha íntima, tendo a idade poética. Aí dois navios de guerra usaram de holofotes, espavorindo a população da Ribeira. Nosso vizinho, o Hotel Internacional, do Evaristo Sutão.

Meu pai comprou a residência de João Avelino Pereira de Vasconcelos, a maior casa particular da Ribeira. 12.000\$. Compreendia mais da metade do quarteirão. Aí se fundara o Partido Republicano em janeiro de 1889.

Meu Pai vendeu-a a Francisco Solon. No seu lugar está o GRANDE HOTEL.

1910-1913 estive com minha mãe no alto sertão da Paraíba e Rio Grande do Norte, curando-me da tentativa de tuberculose. Voltamos em julho. Ficamos na Praça André de Albuquerque, nº 588, entre Chico Teófilo e Joaquim Feliciano Leite.

Neste 1914 meu pai comprou a terceira VILA AMÉLIA, de Herculano Ramos, quarteirão entre as avenidas Rodrigues Alves e

Campos Sales, Jundiá e Apodi. Todo quarteirão era nosso, exceto o terreno onde se ergue a Escola de Serviço Social.

Daí saí em 1932, professor do Ateneu, já veterano, bacharel, casado e com um filho. Ficamos na Junqueira Aires, 393. Fiz concurso catedrático. Nasceu uma filha. Meu Pai morreu nesta casa.

Em janeiro de 1937 mudei-me para a Praça Sete de Setembro, 565, entre Nestor Lima e Duó,

Laurentino Duodécimo Rosado Maia, uma das melhores criaturas que conheci neste mundo. Em frente morava Augusto Leopoldo.

Perdi minha cadeira, apesar de duas teses e aprovações distintas, graças ao "golpe" de Getúlio Vargas e voltei à cátedra pelo imperativo constitucional. Nesta casa faleceu meu sogro.

Em 9 de janeiro de 1947 vim para a Junqueira Aires, 377, casa própria, onde minha mulher nascera, casara e nasceram meus dois filhos.

Tal é a viagem. Meu pai, em 1925, presenteara-me com um mocambo, o mais pobre e simples que resiste na aristocracia de Areia Preta. Fui, pois, neste tempo e quando venerava, morador em Petrópolis.

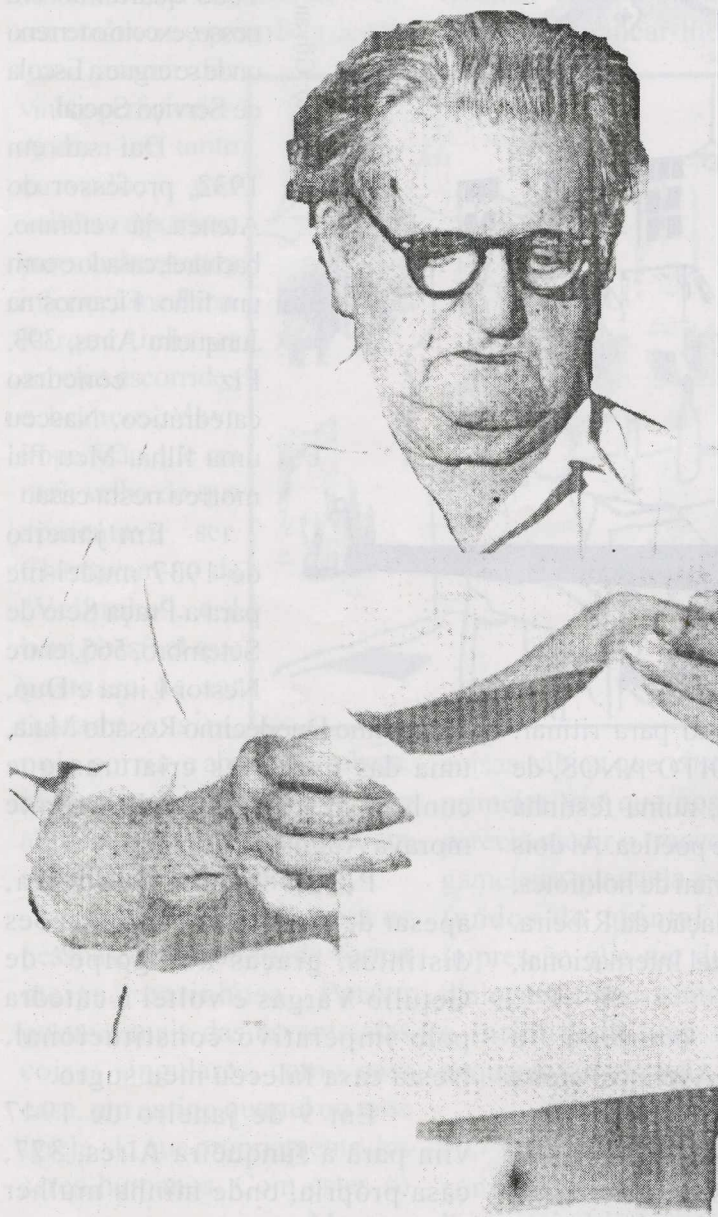
Nunca residi no Alecrim. Mas é a morada comum de todos nós, amigos.

*Luís da Câmara Cascudo*

"A República" - 17/04/1959

# Câmara Cascudo, gênio do século vinte

Autor: Celestino Alves



Deus de Jacó, de Moisés,  
de Davi, de Abraão,  
vinde-me auxiliar,  
para esta narração,  
ajudai-me nesse estudo,  
para falar sobre Cascudo,  
a grande revelação.

Não é tão fácil a missão,  
de apresentar Cascudo,  
porque o mundo inteiro,  
já conhece seu estudo,  
o grande folclorista,  
parecia ter à vista,  
espelho mostrando tudo.

Do Rio Grande do Norte,  
um dos filhos mais fiel,  
divulgou nossos costumes,  
defendeu nosso cordel,  
difundiu nossa cultura,  
da nossa literatura,  
foi o grande Menestrel.

Penso que ele lá do Céu,  
veio olhar nosso Congresso,  
defendeu as nossas teses,  
ajudar nosso progresso,  
conservar a tradição,  
sera uma ingratitude,  
não lhe dedicar um verso.

Sei que ele gostaria,  
de ser imortalizado,  
num folheto de cordel,  
bem escrito e bem rimado,  
que pudesse ir à Escola,  
e ao som da viola,  
ser sempre, sempre cantado.

Cento oitenta e cinco livros,  
Câmara Cascudo escreveu,  
sobre o nosso folclore,  
foi quem mais desenvolveu,  
falou de biografia,  
história e Etnografia,  
de tudo ele entendeu.

Um Gênio do Século Vinte,  
deve ser denominado,  
o tempo que Deus lhe deu,  
todo foi aproveitado,  
não perdeu um só minuto,  
por seu trabalho impoluto,  
foi um ser agigantado.

Teve tempo de estudar,  
teve tempo para ler,  
tempo para ensinar,  
tempo para escrever,  
tempo para a boemia,  
parece até que sabia  
fazer o tempo render.

Tem um livro de Cascudo,  
chamado, **O Tempo e Eu**,  
no capítulo reminiscência,  
diz o lugar que nasceu,  
Rua José Bonifácio,  
ainda faz um prefácio,  
Natal nunca conheceu.

No ano noventa e oito  
do século próximo passado,  
dia trinta de dezembro,  
na Capital do Estado,  
num dia de Sexta-feira,  
nascia lá na Ribeira,  
o nosso biografado.

20  
Anos

## GRUPO DINÂMICO

ORGANIZAÇÃO: JOSÉ HENRIQUES BITTENCOURT

Cursinho Dinâmico  
Pré Vestibular  
Rua José Alencar, 818  
Fone: 222-0991-Cidade Alta

Colégio Dinâmico  
Ensino Médio e Fundamental  
(1º a 2º Graus)  
Rua José de Alencar, 818  
Fone: 222-0992-Cidade Alta

Centro Dinâmico de Educação  
Educação de Jovens e Adultos  
Av. Deodoro, 817-Fone: 221-1169  
Cidade Alta

Filho do Coronel Cascudo, e dona Nery Bernardino, nasceu numa Sexta-feira, no dia de São Sabino, hora da Ave Maria, por isto a sabedoria, iluminou seu destino.

Fala do primeiro banho, conta da superstição, d'água com vinho do porto, na bacia um patacão, Isto no banho primeiro, pra crescer tendo dinheiro, muita força e projeção.

Em outro Livro, **Jangada**, faz uma reflexão, morando na rua Chile, olhava lá do sótão, para o Rio Potengi, creio que nasceu dali, sua grande inspiração.

Em **História que o Vento Leva**, diz que morou no sertão, em **Vaqueiros e Cantadores**, continua a narração, fala que queimou cardeiro, xique-xique e facheiro pro gado comer ração.

Disse que lá do sertão, quando pra Natal voltou, foi a moléstia livresca, o que mais lhe afetou, lhe encheu de muitos tédios, tomou todos os remédios, porém nem um lhe curou.

Não quis fazer medicina, pois não tinha vocação, passou estudar direito, com toda dedicação, foi um estudante afoito, formou-se em vinte e oito, recebendo distinção.

Em **Nosso Amigo Castriciano**, faz uma observação, como recebeu do Mestre, a sua grande lição, que tirou-lhe a vaidade, ensinou-lhe humanidade, cultura e educação.

No Livro **A Voz de Nessus**, fala das superstições, diz que elas são para ele, verdadeiras indagações, da cultura popular, que deve se preservar, para futuras gerações.

Ensinava no Ateneu, mas, um certo professor, achou seu comportamento, meio comprometedor, falava de bruxaria, xangô e feitiçaria, deu parte ao governador.

O governador não quis, nem tomar satisfação, porque era um homem culto, de muita compreensão, já conhecia Cascudo, sabia do seu estudo, e da sua vocação.

Em **Literatura Oral** faz sempre comparação, entre o teórico e o prático, vive a observação, cada coisa ele pesquisa uma por uma analisa, faz a verificação.

História do Rio Grande do Norte da Cidade do Natal, dicionário do folclore, alimentação Nacional, civilização e Cultura, falou com desenvoltura, da vida provincial.

Fez Governo do Estado, os nomes em ordem alfabética, começando do primeiro, com perfeição e estética, fala em um de cada vez, diz o que cada um fez na mais perfeita Simétrica.

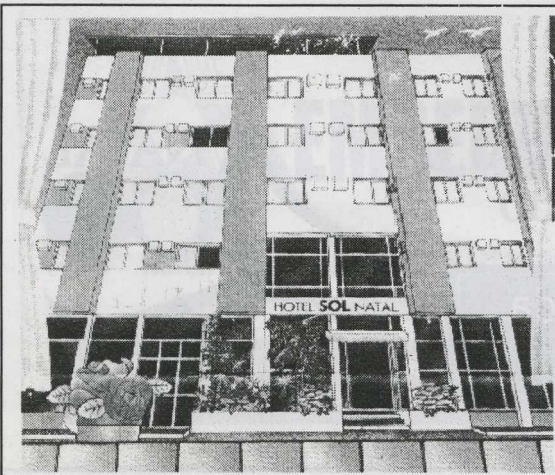
Conheço oitenta e dois, dos livros Cascudianos, inclusive o Folclore, dos Autos Camonianos, então podemos dizer, Cascudo soube escrever, para gregos e troianos.

Mas, em tudo que se escreve, existe compensação, das obras Cascudianas, que mais chamou-me atenção, como essência de perfume, pelo tamanho do volume, foi **Viajando o Sertão**.

Denominou, **Brick-a-Brack**, sua crônica inicial, com esta ele começou, escrever para o jornal, quem foi lendo, foi gostando, já começava provando, ser o intelectual.

Depois a **Acta Diurna**, verdadeira profissão, de fé, como jornalista, foi sua confirmação, sem precisar de eslaides, fez o tonel das Donaides, um primor de ficção.

Este livro é um resumo do que foi o meu estudo, num cordel de oito páginas, não se pode dizer tudo, na minha concepção, precisava um Alcorão, para apresentar Cascudo.



## HOTEL SOL NATAL

- ★ Localização central e a poucos minutos das praias.
- ★ Café da manhã regional.
- ★ Andar para não fumantes.
- ★ Salão na cobertura com vista para o rio potengi e dunas do litoral.
- ★ 54 aptos. Panoramicos com ar condicionado, TV, frigobar e outras comodidades.
- ★ Aceitamos cartões de crédito.

R\$ 17,50 preço por pessoa em apartamento duplo  
Rua Heitor Carrilho, 107 - Centro - PABX: (084) 211-1154  
-TLX: (84.2464) - FAX:(084)221-1157-Natal-Brasil

# Depois das seis na Tavares de Lira



Avenida Tavares de Lira - 1947

**V**oltando das tarefas diárias entrei pela Tavares de Lira, seis horas da noite, duma noite que se avizinhava como amiga, embora trouxesse algumas nuvens que não nos garantiam só rajadas frescas. Possivelmente choveria, mas isso não era bem o caso. No lusco-fusco, o escurecer se rompia pelas lâmpadas da Força da Luz lá em cima de uns postes de ferro, desenhados

em duas hastes, com taliscas no meio para dar graça e segurança ao passeio público...

Entretanto eu não estava ali para ver postes nem analisar a noite que caía e já rompera as 18 horas. Ia ver se a Agência Pernambucana ainda estava aberta e continha alguma novidade das que Luiz Romão costumava guardar para mim e me exibir, mal eu entrasse no seu

estabelecimento, antiga Cova da Onça, de gloriosas e conversáveis horas.

E eis-me voltando das tarefas diárias, incluindo a visita a Luiz Romão, assobiando "Vassourinhas" baixinho e feliz com a vida que levava, por morar em Natal e ser amigo de Natal e Natal ser minha amiga, entre trocas mútuas de demonstrações de amor, a todo



SECRETARIA ESPECIAL DO  
4º CENTENÁRIO



Qualidade de vida  
e cidadania

instante do dia ou da noite como aquela, em plena Tavares de Lira, já mais de seis horas e ouvindo as conversas dos motoristas da praça de carros que ali estacionavam, como Bianor, Oscar e Osório.

Em dado momento ao passar frente ao Bar do Jangadeiro, percebi três figuras que estavam a degustar uma cervejinha da melhor qualidade, num ambiente da melhor qualidade e na qualidade de um dos melhores instantes da vida de um dia qualquer perdido nessas horas que não contam na folhinha e nos relógios dos dias incertos do mundo.

Luiz da Câmara Cascudo falava na ocasião, quase alto, quase baixo, gesticulando aqueles braços enormes de amigo que sempre demonstrava ser dos seus amigos e contando histórias do arco da velha para ouvidos que se deliciavam com aquelas histórias do arco da velha, no assanhamento de sua cabeleira que se barafundava na noite das histórias inventadas para a ocasião.

Um dos que ouviam era seguramente Newton Navarro, velho conhecido de poetas e de artistas plásticos, homem afeito às lides cervêjeiras de qualquer dia que se preze e de amargas ou deliciosas horas de se tomar um gole em procura do lóide, ou à cata de um tempo perdido pela Europa, atravessando o Atlântico e desembarcando ao cais da Tavares de Lira, quase em forma de barata processual, e se sentar ali no Bar do Jangadeiro, para ouvir Câmara

Cascudo.

Newton Navarro ouvia e achava graça e discordava ou aprovava e sorria sempre e discutia mais, animando muito a noite chuvosa de mentira, que nem chovia e só



ventava e se deixava ir pelos ventos, parando o tempo naquela hora bendita da humanidade, quando todos os gatos são pardos.

O terceiro, sentado de costas pra mim, observador sagaz da cena natalense e bom ouvitor-mor de todas as coisinhas simples da vida ribeirense, não me deixava vê-lo. Seria um agigantado homem de duras pelejas e de incontáveis sondagens pelos mares agitados ali de perto do cais da Tavares de Lira, que já estava que não agüentava mais tanto bote saindo e chegando da Redinha, desde que da Europa nem do sul do país vinha mais nenhum.

E que de uma maneira geral não interessava, desde que

identificados Luiz da Câmara Cascudo e Newton Bilro Navarro. Então ir lá dentro, ali naquela área descampada e sem cobertura nem de lata, a não ser do próprio céu que se abria de felicidade por ver seu filho natalense do coronel Cascudo, conversar conversas conversíveis em noites como aquela, feliz, sorridente, amigo de seus amigos e fazendo felicidade dos observadores internacionais ou locais. Então para que entrar na grande área? Para que interromper aquela conversa entre cervejas da melhor qualidade e ouvidos de ótimo som e palavras de agradáveis decibéis?

Ficasse ali um tempinho ou o tempo que achasse necessário, até porque Cascudo não ia se dar ao luxo de identificar quem passava pela rua quase deserta já, naquela hora da noite e nem ia perder tempo para convidar quem fosse, nem que fosse o sobrinho de Cosme Lemos. Se fosse ao menos o Cosme, sim. O Cosme era gente boa, deliciosamente bom e contador de histórias e ouvitor também delas.

E gravei a cena e me esqueci do dia, e na noite grácil-venturosa daquelas quase sete horas ou já indo além, pela demora do consultar, peguei meu auto-lotação e fui para casa feliz por ter Cascudo como pano de fundo, nos palcos enormes das noites que aí estavam para isso mesmo. Evoé, Cascudo!

*Afranio Pires Lemos*



## EMSERV

**Empresa de vigilância e Transporte  
de valores LTDA.**

Av. Campo Sales, 682-tel.: (084) 211- 4955-Natal/RN  
Rua Epitácio Pessoa, 527-Bom Jardim-Mossoró/RN



## Galvão Mesquita Ferragens LTDA

Ferragens, Ferramentas, Material Elétrico,  
Aços Redondos, Tubos e Conexões Plásticas,  
Galvanizadas e em Ferro (Barbará), Chapas,  
Barros e Cantoneiras em Ferro, Soldas  
Elétricas, Cabos de Aço, Sisal e Polieteno

Ita (084) 211 5180  
Fax (084) 211 1500

Rua Dr. Barata, 217 - Natal-RN

# Cultura Potiguar I

## No continente americano - Natal é a única

**N**o decorrer de quase 200 anos a coletividade do Rio Grande do Norte vem perdendo a grande chance de se expor no cenário nacional e internacional, através de sua história, cultura, arte e comunicação, com uma simples palavra de cinco letras que exprime o amor, a justiça, dignidade, solidariedade e igualdade no contexto da humanidade.

- O que é isto, objetivamente, de valor mágico e com essa tão significativa intensidade?

Na verdade estamos dormindo e sonhando há 400 anos, sem reconhecer o que somos, fizemos e pretendemos na perspectiva do universo humano e social, deixando ao mesmo tempo que a nossa passagem por este mundo fique sem marcas nas pedras, ao contrário do que fizeram os nossos primitivos de 30 e 60 mil anos, antes do presente.

### Imagem Monumental

Após os 4 séculos de vida e morte, com trabalho, lutas, vitória e fracasso, alegria, tristeza e grandes decepções estamos amadurecidos, conscientes e capazes para a elaboração de um mega-plano que resultará na Imagem Monumental do ontem, hoje e amanhã.

Numa área a ser escolhida no espaço de Natal, os administradores públicos, com o apoio e participação da coletividade, podem fazer o projeto e execução de um mega-presépio natalino, à semelhança de uma praça, dentro de um largo, com 3 a 5 hectares, de acesso fácil, em terreno elevado, tendo como centro de atenção, o natal do Menino Jesus, na gruta de Belém, com os demais componentes.

Em torno do mega-presépio, estariam os mais diversos motivos relacionados com Natal e Rio Grande do Norte, inclusive os seus grandes valores culturais, técnicos e científicos, artísticos, políticos e econômicos, além de outros, tendo no centro, o mestre Câmara Cascudo.

A presença de nossos ancestrais, especialmente das figuras humanas primitivas da pré-história, bem como dos índios encontrados pelos colonizadores brancos, também seriam indispensáveis e necessários no contorno do mega-presépio.

Os caciques Janduí, Poti, Jaguarari, Paraopaba e muitos outros do sertão e litoral – seriam componentes valiosos, assim como os numerosos instrumentos de pedras feitos pelo homem primitivo, juntamente com a representação de seus desenhos nos lajedos ainda existentes nas caatingas do território potiguar.

Jamais poderíamos esquecer, ainda como parte do mega-presépio – a paz/guerra dos índios e brancos, desde a fundação de Natal, além do que aconteceu em Cúnhau, Uruaçu, Serra do Acauã, Viçosa, Vale do Açú e outras regiões, onde milhares de silvícolas foram mortos, desaparecidos e perseguidos pelos colonizadores.

Os escravos nacionais e africanos, juntamente com os Senhores, além dos criadores de gado e seus vaqueiros, dos períodos de ocupação do solo, rios e serras, deverão estar na composição desse monumento primordial

As representações sequenciadas do presépio – seriam complementadas em grande estilo, nas pedras, cimento e ferro, com outros motivos – figuras humanas e animais deste final de século, quando fazemos a história dos 400 anos da cidade de Santos Reis, Nova Amsterdã e finalmente Natal despontada no oceano Atlântico, numa esquina do mundo.

A realização desta proposta – seria, simplesmente, o resultado do nosso espírito de união, solidariedade e cooperação, mediante a organização do poder público com o apoio de outras instituições representativas dos mais diversos segmentos sociais e políticos, sem propósitos de auto-afirmação pessoal e grupal.

O trabalho de mutirão entre o poder público e as organizações civis marcaria o complexo de afirmação de

toda a coletividade, respeitando assim, a potencialidade humana sobre a integração e racionalização dos seus valores, em se tratando do interesse comum.

Para efeito de coerência com a natureza – também seria indispensável a colocação de espécies vegetais e animais na estruturação do mega-presépio, considerando basicamente a carnaubeira,



o juazeiro, xiquexique, jurema, catanduva, oiticica, coqueiro e outras árvores, além de arbustos nativos.

Quanto aos animais – o jumento teria o seu lugar, seguido de caprinos, ovinos, aves e outros de mini e pequeno portes que ainda existem nos campos, em fase de extinção, assim como os fósseis dos que viveram em períodos distantes.

### Efeitos Esperados

Isto poderia ser o grande dilema acerca desta proposta – para quem não aceita a preservação de seus valores, tão pouco da estrutura ancestral que vem sendo extinta pelo tempo de negação e abandono do homem.

Hoje em dia, quando Natal recebe cerca de 300 mil turistas por ano, este movimento poderia ser duplicado, o mesmo ocorrendo com a receita, desde que houvesse um mega-presépio de natal em Natal, que se tornaria, sem dúvida, o ponto alto da cidade para o mundo cristão, cultural e artístico.

Com certeza, em consequência



## Espera Seu Natal cidade que comporta um mega-presépio.

disso, haveria uma das formas de combate ao desemprego, à fome, miséria e outras dificuldades da vida nesta Capital e no Estado, através das atividades de lazer, trabalho, estudo, pesquisa e oportunidade de luta pela sobrevivência.

No plano administrativo, o mega-presépio ficaria como o maior atestado de reconhecimento, valorização, respeito e admiração sobre a cultura e arte de Natal



em dimensão política e histórica para todo o futuro de concreto, servindo às gerações dos três tempos da humanidade.

O mestre inesquecível – Câmara Cascudo, na eternidade, não deixaria de sorrir com orgulho e felicidade da gente do seu “terreiro”, onde ele esteve, sempre estudando, pesquisando e interpretando os hábitos e costumes do povo que fez e faz a história do pequeno Rio Grande do Norte começando pela Natal quatrocentista.

O que diria sobre isto – o nosso amigo, pintor e poeta Newton Navarro que durante toda a sua vida amou a beleza desta cidade/mulher vivendo entre o rio, mar e dunas, recebendo o calor do sol e os ventos alísios que vêm do Saara, após correr sobre as águas do oceano?

Somente ele, se estivesse vivo – poderia expressar a grandeza de sentimento e gratidão diante de um mega-presépio a ser concebido e realizado como o retrato fiel e permanente do mistério que se esconde no silêncio da noite e dia de Natal.

Na carnaubeira do Vale do Açú teríamos a imagem do jornalista, escritor

e advogado de Pendências, Manoel Rodrigues de Melo, com a sua gargalhada de alegria, ao ver essa palmeira da várzea e da caatinga, batendo palmas à força dos ventos, enquanto a graúna canta, pousada no leque de suas folhas.

Os índios Janduí e Poti ficariam no silêncio, olhando e ouvindo o mega-Natal de Cristo que eles conheceram por religiões diferentes, apesar de terem a mesma filosofia – contra e a favor deles, segundo os interesses econômicos de povos cristãos que pretendiam dominar o Novo Mundo.

Nos utensílios da história primitiva, encontrados no sertão do Rio Grande do Norte, e a serem expostos no mega-presépio, os arqueólogos e antropólogos encontrariam a face oculta de povos que há 900 séculos habitaram este território de clima que foi úmido.

O falecido José de Azevedo Dantas, jornalista, pré-historiador e escritor, de Carnaúba dos Dantas – saberia com estima e orgulho que valeu a pena fazer o seu livro História de Civilizações Antiquíssimas, resultante da pesquisa que ele realizou no Seridó, do Rio Grande do Norte e Paraíba, de 1925/28.

### Marco Infinito.

Nas comemorações dos 400 anos da fundação de Natal, o mega-presépio seria o Marco Infinito desse acontecimento, reafirmando o nosso compromisso, fidelidade e coerência com a história, arte e cultura dos povos que, através da mestiçagem, plantaram as sementes da árvore de Natal que atualmente constituímos.

Além disso, a única Natal americana e talvez a primeira do Mundo teria o reconhecimento, admiração e atenção internacionais pelo fato de ser um mega-presépio capaz de impressionar a comunidade mundial, não somente pelo visual, como também no espiritual, artístico e cultural.

No fundo, essa iniciativa poderia ter efeitos maiores do que o sal, petróleo, algodão, sisal, shelita e até mesmo a fruticultura atual, tanto para Natal, quanto o Estado e toda a sua população.

Os turistas do mundo inteiro ficariam com a oportunidade anual de conhecer um mega-presépio a ser

localizado em área continental mais avançada do Atlântico, entre América, África e Europa, onde as praias, o sol e os ventos se encontram nas dunas cobertas pelo verde dos vegetais.

-Como resistir ou renegar essas maravilhas da natureza, onde o mar azul se confunde com o firmamento celestial?

Aí reside a certeza da utilidade e do retorno, não somente cultural, mas econômico e financeiro para um mega-presépio auto-sustentável que poderá ser executado muito mais com a boa vontade, organização e objetividade, do que os elevados recursos financeiros.

Se os políticos quiserem plantar a semente do Marco Infinito para Natal e todo Rio Grande do Norte – jamais poderão recusar o desafio do mega-presépio, o mesmo ocorrendo com a cidadania de cada pessoa que aspira ao trabalho, emprego e realização coletiva nas diversas atividades que resultarão desta proposta a ser analisada, discutida e viabilizada.

Os ventos, o mar e o sol abriram as portas para o mega-presépio que poderá garantir o futuro de melhores condições humanas.

Agora, falta somente a capacidade, determinação e boa vontade para assimilar e fazer a transformação dos meios ou recursos naturais visando à melhoria da situação em que vivemos.

Quando a humanidade começa a se preparar para o terceiro milênio – Natal/RN também poderá entrar na perspectiva do seu futuro, dando e recebendo algo do mundo que se transforma em busca da globalização social e cultural que desafia a integridade do ser humano.

\* *Arlindo Freire – Jornalista e Sociólogo-UFRN*

# BAIRRO DAS ROCAS

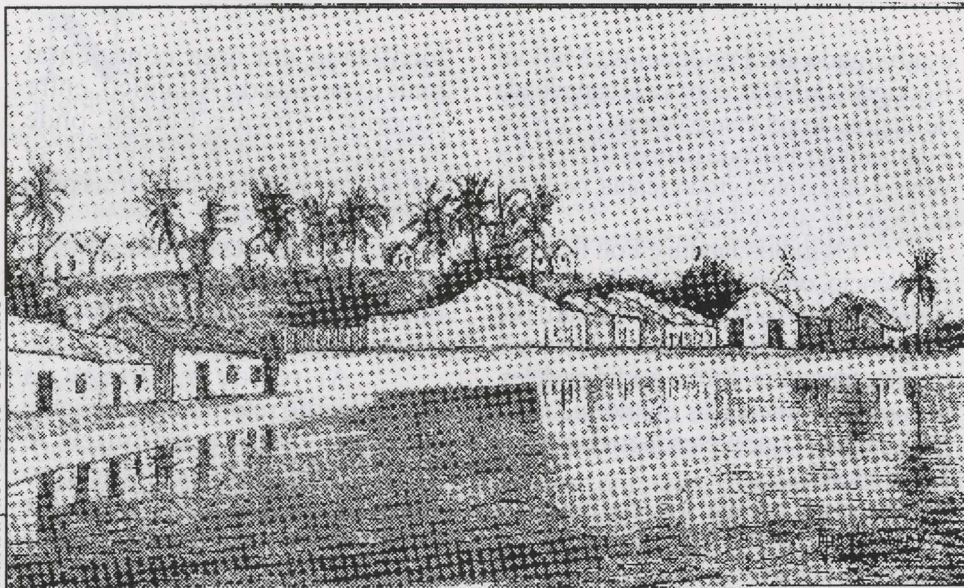


Ilustração: Mário Carvalho

**S**ituado na Região Administrativa Leste, o bairro das Rocas limita-se ao Norte com Santos Reis, ao Sul com Petrópolis e Ribeira, a Leste com Praia do Meio e Santos Reis, e a Oeste com Ribeira; abrigando uma população de 12.659 habitantes (censo do IBGE/91) numa área de 66,20 hectares.

Sua oficialização ocorreu na gestão do Prefeito Sylvio Piza Pedroza através do Decreto – Lei 251, de 30 de Setembro de 1947, tendo a Lei 4.227 de 05 de Abril de 1993 redefinido os limites.

O topônimo Rocas, segundo o historiador Luís da Câmara Cascudo, foi dado pelos antigos pescadores do lugar que tinham o hábito de pescar no Atol das Rocas.

Com o início das obras do Porto, em 1897, surgiu uma população composta de operários, mergulhadores, ferreiros, carpinteiros, calafates, armadores de botes e de pontões, que deu vida nova ao bairro.

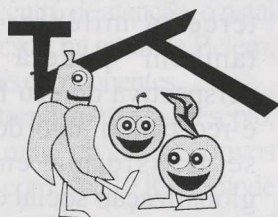
No início da década de 20, Rocas era formado por poucas

ruas, sendo as principais a Rua São João, Rua Paraense (atual Rua Expedicionário José Varela) e a Rua Pereira Simões.

Em 1958, na primeira gestão do Prefeito Djalma Maranhão, o bairro das Rocas era constituído por 44 logradouros públicos (avenidas, ruas, travessas, becos e praças) assim denominados:

- Avenida Eng. Hildebrando de Góis (antiga Rua do Porto);
- Avenida Januário Cicco (antiga Avenida Brasil);
- Beco de Manoel Francisco;
- Praça Eng. José Gonçalves;
- Praça Café Filho (antiga Praça das Rocas);
- Rua Alto da Castanha;
- Rua Areia Branca;
- Rua do Areial;
- Rua Belo Horizonte;
- Rua Belo Monte;
- Rua Café Filho;
- Rua Campos Pinto;
- Rua Coronel Flaminio;
- Rua Dr. Décio Fonseca;
- Rua Del Pretti;

## A Ki - Tanda



A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

Av. Antônio Basílio, 2703 Lagoa Nova - Natal/RN  
Telefrutas: (084) 231-0715 Telefax: (084) 206-5612

## CASA DO PEIXE LTDA



Camarão, Peixe, Lagosta,  
Carne de Caranguejo,  
Marisco, Ostra e Etc.



Ney Aranha Marinho Júnior  
Sócio Gerente



Rua São João, 4 (Canto do mangue) - Rocas - Natal/RN  
Tel.: (084) 221-4917/982-2085





Ilustração: Percy Lau

# Boi Calemba

A versão potiguar do Bumba-meu-boi nordestino é o Boi Calemba, expressão já registrada por Mário de Andrade, em sua viagem a Natal, em 1929. O Boi Calemba apresenta-se normalmente com dezessete figurantes, incluídos neste número os músicos do conjunto. O povo classifica os integrantes do Boi Calemba em “Enfeitados” e “Mascarados”. Compõe o primeiro grupo o Mestre, os Galantes (seis ou oito) e as Damas (dois garotos travestidos de mulher), responsáveis pelo lado sério do espetáculo, cantando velhas cantigas do século passado - louvações, saudações, benditos e baianos. Entre uma estrofe e outra, dançam animados números coreográficos, ao som da rabeça. Suas roupas apresentam impressionante efeito visual, decoradas de fitas policolores e riqueza de espelhos. Os “mascarados” provêm a parte cômica do espetáculo. São três - Mateus, Birico e Catirina. Apresentam-se trajando velhas roupas surradas, o rosto besuntado de tísna, evocando sua condição de vaqueiros-escravos, da saga da pecuária nordestina. Declamam loas,

representam pantomimas e parodiam os compenetrados Galantes, em suas cantigas e atitudes. No Boi Calemba atual vai-se esquecendo o episódio da morte e ressurreição do boi, fulcro dramático de toda a brincadeira. O folquedo hoje limita-se quase aos cantos iniciais de louvação e aos baianos que antecedem a saída das diversas “Figuras” (bichos) ou que os acompanham, na sua apresentação, encerrando-se pelos cantos de despedida. Entre os bichos, destacam-se a Burrinha, o Bode, o Gigante (cavalo-marinho) e o Boi, principal figura do espetáculo. A orquestrinha compõe-se, em geral, de rabeça, pandeiro e mais um instrumento de corda ou, substituindo-o, uma sanfona. Atualmente, os grupos de Boi Calemba mais em evidência no Estado são o de Pedro Guajirú, em São Gonçalo, e os de Manoel Marinheiro e Anacleto, em Natal.

*Deífilo Gurgel*

Transcrito do livro “Danças Folclóricas do Rio Grande do Norte”. Editora Universitária – UFRN, Natal, 1982.

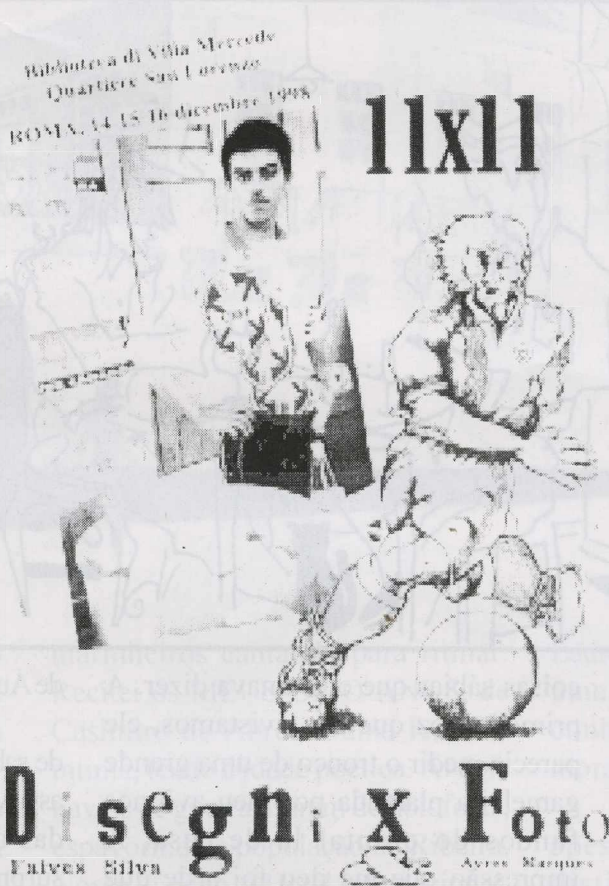
## Mostra Onze x Onze Paixões compartilhadas

Artista egresso dos movimentos de vanguarda que eclodiram no final dos anos 60 no Brasil, o artista plástico natalense Falves Silva é hoje uma referência obrigatória para o estudo da evolução das artes plásticas no Rio Grande do Norte e nordeste do país, com trabalhos expostos em galerias de todo o país, e trabalhos publicados em revistas especializadas em arte de vanguarda de todo o mundo. Trabalhando com técnicas variadas, como a colagem, a fotografia, o desenho, utilizando-se de uma temática 'onívora' que tudo absorve e traduz em arte, o artista se excede particularmente no trato de uma das grandes paixões do povo brasileiro, que é o futebol. Mais uma coincidência que nos irmana aos italianos, a exemplo de esportes como o automobilismo, o basquete, etc.

O diálogo que o fotógrafo Ayres Marques estabelece com Falves Silva, na exposição "Onze contra onze", (onze desenhos de F.

Silva X onze fotografias de A. Marques), realizada graças à

marcado pela 'redescoberta' de valores culturais nacionais, mas particularizando-os, e extraindo deles o que neles existe de mais 'local', próprio, provinciano, até. Enquanto Ayres busca o flagrante, o documental, o representativo das ruas, Falves interioriza sua visão do futebol, transformando-o em dança de formas, numa seqüência artisticamente lógica, universalista a partir de seu viés particularista. O resultado chama a atenção pelos contrastes que sugere a mostra. Dois momentos da arte natalense que se pretendem abertos o suficiente para iniciar um diálogo proveitoso e criativo com seus colegas italianos, cujo intercâmbio está começando, e que, graças ao nível de originalidade e criatividade com que começa, poderá vir a produzir grandes e gratas surpresas.



iniciativa pioneira da Produção Cultural Babilônia, dos produtores culturais Ayres Marques e Gigliola Capodaglio, com o apoio da Bienal da Fotografia de Loreto, é representativo do atual momento das artes natalenses,

**Nelson Patriota (\*)**

(\*) Jornalista natalense, editor do jornal cultural O GALO e editor de Geral da Revista RN ECONÔMICO.

# CLIMA

Artes Gráficas e Publicidade LTDA

Rua. Dr. Barata, 216 - Fône: 222-3994-  
CEP-59012- Ribeira-Natal/RN

PROGRAMAÇÃO VISUAL-DIAGRAMAÇÃO-  
PUBLICIDADE-ARTES GRÁFICAS.



**GRUPHQ**  
**PUBLICIDADE**

Rua Sto. Antônio, 653-07-Cidade Alta.

## “Velhinho”

**B**ebia demasiado, mas só em algumas ocasiões. Não era, pois, um borracho consuetudinário, sorvendo na cegueira do vício o aromático e espesso licor de anis ou o aroma dos vinhos perfumados. Andava um tanto curvado, por velhice, e por isso parecia de estatura inferior à mediana. Porque tinha os cabelos escorridos e brancos, dava impressão que era mais velho do que aparentava ser. Chamavam-no de “Velhinho”, e é bem possível que gostasse de ser tratado assim,

pois sorria e abanava a cabeça, afirmativamente, toda vez que alguém o cumprimentava com urbanidade e carinho.

Afável, sorria para as pessoas, tratando-as de forma meiga, carinhosa. Porém gostava mais das árvores, das coisas singulares, como uma casa, um antigo quartel ou uma igreja, do que propriamente dos seres humanos. Com estes só raramente convivia. Morava afastado e, pelo que me

contaram, tratava-se de um judeu-alemão fugindo dos horrores da guerra e da matança do Nacional Socialismo. Quando vinha à cidade, eu o seguia, tentando arrancar-lhe do espírito as



coisas sábias que costumava dizer. A primeira vez que nos avistamos, ele parecia medir o tronco de uma grande gameleira plantada por meu avô nos fundos do quintal lá de casa. A impressão que me deu foi a de que dialogava com a centenária árvore, tal a intimidade com que a afagava enquanto sussurrava.

-Olá, “Velhinho” – disse-lhe eu.- Que fazes por aqui? Parece que conversas com a minha árvore?- disse-lhe, sorrindo, demonstrando por ele uma grande e sincera simpatia.

-Sim – respondeu-me alegremente, os olhos azuis brilhando no rosto enrugado, as trêmulas mãos tateando sobre os enrugamentos da casca da árvore. –As gameleiras, como os cedros, as andirobas e os demais espécimes vegetais, um dia foram gente. Representam amigos que morreram. Cada uma possui sua “alma”. Uma “alma” que muito tem a nos ensinar, que precisa ser descoberta e perscrutada. Aliás, todas as coisas têm “alma”, até as que dizem ser *inanimadas*, como as pedras, os minerais. Compreendes?...

-Ah! Assim o poeta tinha razão...- eu lhe disse, pensando no famoso soneto de Augusto dos Anjos.

-Sim, sim; poetas são seres cheios de sabedoria e de razão. Eles *sabem* que as árvores têm “alma” e que a “alma” das árvores e das coisas pode ser surpreendida rondando, muitas vezes, nossa alegria ou mesmo solidão, instigando-nos ao exercício das lembranças.

-Como o sabes? – perguntei.  
-Posso distinguir a “alma” das coisas onde quer que ela esteja, pois sinto-a tanto fora quanto dentro de mim.

AS MULHERES DE MARIA BOA TEM UMA PREDILEÇÃO PELO GREGO, EM DETRIMENTO DO LATIM. USAM A PALAVRA “GALA”, E NÃO ESPERMA. GALA É LEITE EM GREGO.

Luís da Câmara Cascudo  
Folclorista e historiador



-Como assim?...-indaguei-lhe, extravasando minha curiosidade juvenil.

-Advinho-a. Apenas a adivinho enquanto examino as coisas. Vejo-a claramente. Nas imperfeitas bordas ou nas rachaduras dessas velhas paredes que estão por toda parte, na aspereza da cal dos rebocos, ou se estirando através dos longos corredores de prédios que se tornaram sombrios devido ao abandono ou porque foram maltratados pelo tempo. Pressinto-a nos desvãos nacarados do mofo dos anos, sob o frontispício desses pardieiros públicos fora de uso, no lodo e nas ranhuras dos muros arruinados. Principalmente nos pontos em que a desempoladeira do artesão não conseguiu chegar e a mão do mestre pedreiro negligenciou a arte arquitetônica, a especiosidade do trato.

-És também um poeta? – perguntei-lhe cheio de admiração?

-Todos os homens são poetas, se verdadeiramente se sentem como *homens*.

-Onde mais encontras a “alma” que acreditas existir nas coisas?

-Muito simples. Surpreendo-a nos grânulos colados ao soalho dos casarões antigos ou na porosidade da cerâmica dos pisos desgastados. Percebo-a ainda mais, no facetamento irregular da pedra que ladrilha as calçadas. Detecto-a nas superfícies irregulares do embuço em que a bolha de nível e o fio-de-prumo não conseguiram ajustar-se ao primor ideal do acabamento. Mas

também não posso deixar de encontrá-la na dança nervosa e miúda das aranhas ao construírem suas mortíferas teias, nem nos fiapos fuliginosos das rústicas cozinhas desprovidas de estuque. A “alma” das coisas também se acha nos alizares das portadas, na ferrugem do gradeado do jardim, nos arbustos, roseiras e árvores das praças, parques e florestas. Afinal, Deus não cometeria a “insensibilidade” de ter criado uma Natureza tão bela desprovida de “alma”.

-Quer dizer que a “alma” das coisas tem semelhança com a alma humana, com a que nos acompanha desde a Eternidade? – incitei-o.

-Sim, e em toda parte a “alma” das coisas pode ser encontrada, individual e coletivamente. É só parar, refletir e sentir o latejar do coração oculto do mundo que pulsa a toda hora e em toda parte, até na poeira que recobre os objetos e no óxido das coisas sobre as quais o tempo passou deixando seus vestígios, a marca de sua devastação...

Nossa amizade nasceu no primeiro momento, e muitas vezes nos encontramos, até que um dia não o vi andando na cidade. Por ele perguntei sem obter uma pista, um roteiro.

Diz o filósofo, que nas coisas que falamos ou escrevemos deixamos implícito nosso autêntico retrato. A imagem de “velhinho”, da forma que a visualizei, gravou-se, indelével, na fresca memória da minha mocidade. Há cinquenta não o vejo lecionando sua teoria, aplicando a doçura, o abrandamento

dos gestos com que enriquecia sua doce mentira do viver expatriado, conversando pouco e analisando muito. Creio, porém, que entre ele e eu se operou, por múltiplos aspectos, um sistema de trocas de informações simuladas, como as que para mim fazem o tempo presente se parecer bem mais artificial que os tempos clássicos, quando a potência da seiva humana tornava os homens solidamente enraizados e inteiriços em sua estatura e em seus propósitos. Andei mundo afora, estudei complexas teorias. Por anos e anos minhadamente teimou em jogar com as alegorias das formas e das imagens, percorrendo o *chiaroscuro* da memória na ânsia de eliminar a “presença” anímica do meu ceme oculto e também das coisas. Cada tentativa por si mesma falhou. Nasceu e morreu sem encontrar um meio de ventilar e refrescar-me o espírito com a virtuosidade do materialismo, que foi a suprema ilusão dos nossos jovens dias.

De onde veio e para onde foi “Velhinho”, o suposto alemão que me ensinou a teoria anímica? Desde então, para mim toda árvore tornou-se uma presença a ser necessariamente reverenciada. Pois penso que em uma delas encontra-se, intacta, a “alma” do meu bom amigo “Velhinho”, o meu filósofo, verdadeiro humanista e poeta.

*Nilson Patriota\**

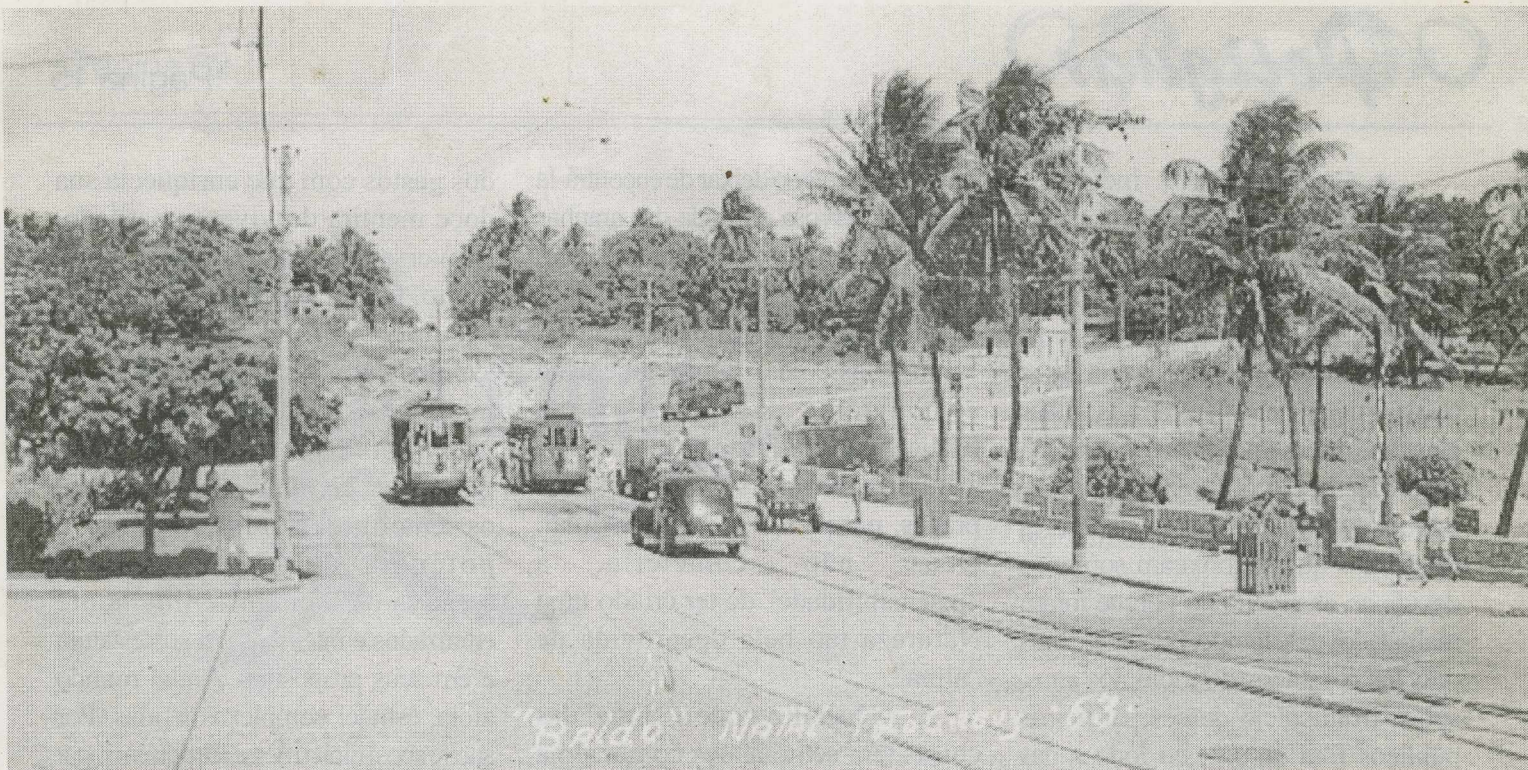
(\*) Escritor e membro do Conselho Estadual de Cultura

NO DIA EM QUE NÃO ACREDITAR  
QUE O TROVÃO É CASTIGO,  
QUE A CHUVA VEIO DO CÉU PORQUE  
DEUS MANDOU, QUE O SUJEITO  
É POSSESSO DO DIABO, ESTOU  
DESMORALIZADO.

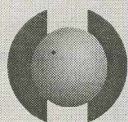
Luís da Câmara Cascudo  
Folclorista e historiador



O Potiguar



O "Baldo" e Rua Presidente Bandeira na década de 40.



**HIPÓCRATES**  
COLÉGIO E CURSO

EDUCAÇÃO INFANTIL - (PRÉ-ESCOLAR)  
ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO - (1º E 2º GRAUS)  
CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR - "A EQUIPE QUE MAIS APROVA"

- Colégio Hipócrates Zona Sul  
Educação Infantil - Ensino Fundamental e Médio  
Alameda das Mansões, s/n - Candelária  
Tel: (084) 206-7729/206-8069
- Colégio e Curso Hipócrates  
Ensino Fundamental e Médio  
Cursinho Pré-Vestibular -  
"A Equipe que mais Aprova"  
Rua Jundiá, 421 a 432 -  
Fone: (084) 221-4488

- Colégio Hipócrates Ponta Negra  
Ensino Fundamental e Médio  
Acesso pela Av. Eng. Roberto Freire, por trás do  
Restaurante Tábua de Carne
- Colégio Hipócrates - João Pessoa  
Ensino Fundamental e Médio  
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"  
UNIDADE I - EPITÁCIO  
Av. Epitácio Pessoa, 3955 - Fone: (083) 247-2294  
UNIDADE II - BESSA  
Rua José Ferreira Ramos s/n - Bessa - Fone: (083) 246-1811
- Colégio Hipócrates - Zona Norte  
Ensino Fundamental e Médio  
Cursinho Pré-Vestibular - "A Equipe que mais Aprova"  
Av. Doutor João Medeiros, 1292 - Panatis I - Fone: (084) 214-2947